

**INSTITUTO INTERDIOCESANO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**BACHARELADO EM TEOLOGIA**

**Fabricio Soares Pardim, seminársta da Diocese de São Mateus-ES**

**Prof. Me. Pe. Deucy Correa (orientador)**

**MISERICÓRDIA: O caminho de Deus ao longo da história**

A misericórdia é tema de singular importância para a compreensão da experiência bíblica no Antigo e Novo Testamento. Ao estudar desde o ato criador no Gênesis até a plenitude da redenção oferecida em Jesus Cristo é possível compreender como se manifesta a presença de Deus. Toda a reflexão teológica e prática pastoral se volta para o atributo de Deus que faz com que Ele se mova de compaixão, a sua misericórdia. Dessa maneira, dar atenção aos gestos de Deus no Antigo Testamento e principalmente aos feitos de Jesus no Novo, é dar ao atributo divino da misericórdia o lugar que lhe é de direito. Apresentar a misericórdia de Deus que perdura de geração em geração é um longo caminho, por isso, se propõe brevemente aqui indicações que apontam para a realidade teológica da misericórdia encarnada. Sem se deixar levar pelo erro marcionista, são evidenciados os gestos de ternura e compaixão que Deus tem para com a humanidade, mesmo após a marca do pecado. A novidade da misericórdia no Novo Testamento é ponto fundamental na compreensão da missão de Jesus Cristo, pois Ele é a manifestação da misericórdia do Pai. Na plenitude dos tempos com palavras, parábolas, gestos e curas toda a pessoa de Jesus anuncia a misericórdia de maneira definitiva e para todos, fazendo saber, sem equívocos, que a misericórdia é o cumprimento da justiça e que a misericórdia e o amor de Deus não conhecem limites. Ao longo da história a misericórdia correu o risco de ser ofuscada por situações múltiplas, hoje, as interrogações dos homens modernos que vivem como se Deus não existisse, apresentam dificuldades de compreender a misericórdia de Deus. Frente a essas e tantas situações desafiadoras, a Igreja possui um papel de suma importância, pois ela é continuadora da presença de Cristo no meio do mundo, a Igreja é testemunha da misericórdia e deve viver como tal, principalmente na prática eclesial. Assim, o presente trabalho deseja elucidar nos três capítulos indicações que possibilitem perceber a presença da misericórdia ao longo da história do Antigo e Novo Testamento, bem como, na vida da Igreja, principalmente na nova etapa teológica

inaugurada pelo Concílio Vaticano II que é coração pulsante do pontificado do Papa Francisco. Com o Papa Francisco, a misericórdia é condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã, assim, a Igreja é vocacionada à uma prática eclesial marcada pela cultura da misericórdia.

## **A PRESENÇA DA MISERICÓRDIA**

No caminho da humanidade criada à imagem e semelhança de Deus, é de se reconhecer que toda a criação é mantida pela presença e ação constante do próprio Deus. Ao contrário das muitas ideias filosóficas de um 'deus' que abandona a própria obra criada ou apático à própria criação, a fé cristã na revelação aponta plenamente para um Deus que cria, elege e cuida do seu povo. "A Deus move um amor verdadeiramente apaixonado pelo ser humano"<sup>1</sup>.

Apesar disso, frente a uma sociedade marcada por grandes acontecimentos catastróficos uma das perguntas que mais se faz é: "onde está Deus?", foi o que o Papa Bento XVI disse em seu discurso em Auschwitz: "Quantas perguntas surgem neste lugar! Sobressai sempre de novo a pergunta: Onde estava Deus naqueles dias? Por que Ele silenciou? Como pôde tolerar este excesso de destruição, este triunfo do mal?"<sup>2</sup>.

O século XX aterrorizado por duas grandes guerras mundiais revela a dificuldade de responder essas perguntas que chagam até os dias hodiernos. O século XXI embora ainda em curso, já é marcado por desafios que mais uma vez interrogam os homens e a Igreja. Como ver Deus em tudo isso? Como encontrar a sua misericórdia? Eis a missão da Igreja.

Todos sabem que a Igreja está mergulhada na humanidade, dela faz parte, a ela vai buscar os seus membros, dela extrai tesouros preciosos de cultura, dela sofre as vicissitudes históricas e pelo bem dela trabalha. Ora é sabido igualmente que a humanidade no tempo atual está em vias de grandes transformações, abalos e progressos, que lhe modificam profundamente não só o estilo de vida no exterior, mas também o modo de pensar<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> KASPER, Walter. **A Misericórdia**: condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã. Tradução: Beatriz Luiz Gomes. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015. p. 61.

<sup>2</sup> BENTO XVI. **Discurso do Santo Padre durante a visita ao Campo de concentração de Auschwitz-Birkenau**. Polônia, 2006. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/may/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20060528\\_auschwitz-birkenau.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20060528_auschwitz-birkenau.html)> Acesso em: 26 jan. 2024.

<sup>3</sup> PAULO VI. **Carta Encíclica Ecclesiam Suam** sobre os caminhos da Igreja. 4ed. São Paulo: Paulonas

A Igreja que é Mãe e Mestra, continua a desempenhar sua missão no meio do mundo frente às interrogações do tempo presente, assim, é continuamente provocada a dar respostas aos corações inquietos. A Igreja vive de perto todas essas realidades.

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração<sup>4</sup>.

Frente ao erro marcionista de separar o Deus do Antigo e do Novo Testamento, numa tentativa de desvalorizar parte da Escritura Sagrada sob pretexto de que o Deus ali apresentado não poderia ser bom por causa das narrativas de difícil interpretação, a Igreja permanece defensora da verdadeira imagem de Deus.

Marciano distinguia entre o Deus justo e irado do Antigo Testamento e o Deus misericordioso do Novo Testamento. Com isto questionava a unidade da história da salvação e a correspondência entre a antiga e a nova aliança, assim como em última análise, o testemunho unitário da Bíblia e a unidade do Antigo e do Novo Testamento. Encarando com maior profundidade a questão, o que estava em jogo era a unidade do Deus único, que é ao mesmo tempo, justo e misericordioso<sup>5</sup>.

Acerca disso, Santo Agostinho e São Gregório Magno deram testemunho da relação necessária que existe entre o Antigo e o Novo Testamento de maneira que ainda hoje a Igreja continua a defender essa verdade:

Por isso os cristãos lêem o Antigo Testamento à luz de Cristo morto e ressuscitado. Se a leitura tipológica revela o conteúdo inesgotável do Antigo Testamento relativamente ao Novo, não deve todavia fazer-nos esquecer que aquele mantém o seu próprio valor de Revelação que Nosso Senhor veio reafirmar (cf. Mc 12, 29-31). Por isso, também o Novo Testamento requer ser lido à luz do Antigo<sup>6</sup>.

A questão colocada aqui já não se trata da existência ou não de Deus, mas de que Deus se trata. Voltar o olhar da Igreja e de toda a humanidade para o Deus da misericórdia é abrir as portas para um momento novo, tempo de reconhecimento das mazelas humanas e ao mesmo tempo da proximidade divina.

Após as terríveis experiências de tragédias vivenciadas nos séculos XX e XXI, a questão da presença da misericórdia no meio do mundo é mais urgente do que nunca.

---

2004. p. 17.

<sup>4</sup> CONSTITUIÇÃO PASTORAL *GAUDIUM ET SPES* SOBRE A IGREJA NO MUNDO ATUAL. In: **Concílio Vaticano II**. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) / [organização geral Lourenço Costa; tradução Tipográfica Poliglota Vaticana]. São Paulo: Paulus, 2017. p. 239.

<sup>5</sup> KASPER, 2015, p. 108.

<sup>6</sup> BENTO XVI. **Exortação Apostólica pós-sinodal *Verbum Domini***. 6ed. São Paulo: Pulinas, 2011. p. 81-82.

O convite a estar “sempre prontos a dar razão da vossa esperança”<sup>7</sup> deve ser acompanhado de uma advertência, “se não somos capazes de anunciar de uma forma nova a mensagem da misericórdia divina às pessoas que padecem aflição corporal e espiritual, deveríamos calar-nos sobre Deus”<sup>8</sup>.

A Igreja tem por missão apresentar a misericórdia de Deus, “é legítimo que se convide a que se reflita de novo sobre Deus”<sup>9</sup>. Para agir com o mandato da misericórdia, recebido do próprio Jesus, é preciso refletir sobre como as ações da Igreja revelam Deus.

Assim, a presença da misericórdia é renovadora, de forma que, em sua bondade Deus se mantém fiel à sua aliança. Frente ao socorro de Deus, a humanidade que faz essa experiência é chamada a proclamar como o salmista “daí graças ao Senhor porque é bom, porque eterna é sua misericórdia”<sup>10</sup>.

## A MISERICÓRDIA E O ANTIGO TESTAMENTO

“O conceito de ‘misericórdia’ no Antigo Testamento tem uma longa e rica história”<sup>11</sup>, antes de tudo, é necessário reconhecer que o olhar de muitos em relação ao Antigo Testamento é marcado por uma imagem pesada de Deus. “A noção de um Deus castigador e vingativo induziu muitas pessoas a temer pela sua salvação eterna”<sup>12</sup>.

Ainda hoje, a imagem que as pessoas têm de Deus é marcada por uma dualidade, pois “está muito difundida a opinião de que o Deus veterotestamentário é vingativo e irado, enquanto no Novo Testamento é bom e misericordioso”<sup>13</sup>. Frente a todas essas dúvidas, é necessário recordar que a Revelação Divina se dá na história, por isso:

A revelação adapta-se ao nível cultural e moral de épocas antigas, referindo conseqüentemente fatos e usos como, por exemplo, manobras fraudulentas, intervenções violentas, extermínio de populações, sem denunciar explicitamente a sua imoralidade. Isto explica-se a partir do contexto histórico, mas pode surpreender o leitor moderno, sobretudo quando se esquecem

---

<sup>7</sup> 1Pd 3,15.

<sup>8</sup> KASPER, 2015, p. 17.

<sup>9</sup> KASPER, 2015, p. 16.

<sup>10</sup> Sl 117.

<sup>11</sup> JOAO PAULO II, 1983, p. 16.

<sup>12</sup> KASPER, 2015, p. 26.

<sup>13</sup> KASPER, 2015, p. 60.

tantos comportamentos «obscuros» que os homens sempre tiveram ao longo dos séculos, inclusive nos nossos dias.<sup>14</sup>

Para responder, seja a questão marcionista, seja as dúvidas dos homens de hoje, a resposta é a mesma, “os dois testamentos dão testemunho de um mesmo Deus”<sup>15</sup>. Assim, encontra-se nas páginas das Sagradas Escrituras a misericórdia de Deus imersa na realidade dos homens.

Para uma melhor compreensão da etimologia do termo misericórdia, se faz necessário recorrer à dicionários bíblicos que possibilitem maior facilidade na explicação, tendo em vista a complexidade do tema e da unificação de uma tradução feliz e ao mesmo tempo a consciência de que não há “uma única expressão que abranja todo o significado teológico de misericórdia”<sup>16</sup>. A misericórdia pode ser entendida:

Sobre três raízes hebraicas: *râham*, *hânan* e *hâsad*. Os comentadores se detêm no mais das vezes na primeira, fazendo observar que o substantivo plural que dela deriva (*rahamîm*), que se traduz por "compaixão", tem como singular a palavra *rêhhêm*, que designa por seu turno o útero da mulher. Discretamente, o atributo bíblico de m. apresenta assim o agente divino sob um aspecto maternal. Com base nisso, o binômio "justiça \*/m.", que aparece em todas as seções da Bíblia hebraica, poderia ser interpretado como designando uma completude simbólica da figura divina, que integra traços tanto paternais quanto maternais<sup>17</sup>.

A grandeza lexical da misericórdia no Antigo Testamento ao mesmo tempo em que enriquece a pesquisa dificulta a sistematização de uma resposta unificadora, Walter Kasper apresenta que “o termo mais importante para a compreensão da misericórdia é *hesed*, que significa favor imerecido, afabilidade, benevolência e, por conseguinte, também designa a graça e a misericórdia divinas”<sup>18</sup>.

“Embora o termo ‘misericórdia’ não seja utilizado nos capítulos inaugurais do livro do Gênesis, atendendo ao conteúdo cabe afirmar que a misericórdia divina está atuante e se torna palpável desde o princípio<sup>19</sup>. Em toda a Sagrada Escritura é revelada a

---

<sup>14</sup> BENTO XVI, 2010, p. 83.

<sup>15</sup> KASPER, 2015, p. 60.

<sup>16</sup> PAGANOTTO, Diones Rafael. A teologia bíblica da misericórdia: análise teológica do conceito de misericórdia na sagrada escritura. **Revista Contemplação**. São Paulo, 2016. p. 168-190.

<sup>17</sup> LACOSTE, Jean-Yves. **Dicionário crítico de teologia**. Tradução: Paulo Menezes... [et al.]. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2004. p. 1150.

<sup>18</sup> KASPER, 2015, p. 62.

<sup>19</sup> KASPER, 2015, p. 63.

misericórdia como narrativa da salvação na contínua ação divina, caracterizada pelos aspectos de gratuidade, benevolência, justiça e bondade.

O livro do Gênesis abre as portas na revelação da ação do Deus que age com misericórdia. O início dessa revelação é o próprio ato criador. Não será tomado a narrativa do gênesis como um tratado científico ou com o intuito de desenvolver suas questões teológicas e antropológicas, mas, com o intuito de focar nos gestos misericordiosos que tantas vezes passam despercebidos.

O centro desse gesto de Deus é a criação do ser humano, quando diz “façamos o homem à nossa imagem e semelhança [...] Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou”<sup>20</sup>. A grande benção inicial é marcada pelo selo de Deus que afirma “e Deus viu tudo o que havia feito, e tudo era muito bom”<sup>21</sup>. A reação de Deus frente a obra de suas mãos revela o amor que brota de suas entranhas, Ele cria por excesso de amor. A certeza de que a misericórdia de Deus se volta por inteiro para sua obra é que dá a ela a possibilidade de alcançar a sua perfeição na plenitude dos tempos.

Com a narrativa da vocação de Abraão, vê-se a iniciativa de Deus em fazer uma Aliança com a humanidade, o desejo de proximidade e de cuidado que abre um horizonte de salvação, “inicia-se, por assim dizer, uma história alternativa, isto é, a verdadeira história salvífica de Deus com os seres humanos”<sup>22</sup>. No mistério experienciado por Moisés, Deus revela sua iniciativa de misericórdia. Ele volta seu olhar para o povo e oferece o mais íntimo de si, seu amor e sua proximidade.

O evento da revelação de Deus ao povo de Israel é um evento de misericórdia: Deus visita Israel por causa do seu sentimento de misericórdia, pelo que é *misericórdia motus*, movido pela misericórdia. Quando Israel se sente oprimida no Egito pelo poder do faraó, Deus experimenta misericórdia, tal como testemunha o livro do Êxodo<sup>23</sup>.

No Antigo Testamento, a revelação da misericórdia é diretamente ligada com a ação de Deus por ocasião do Êxodo e da libertação do povo escolhido. No mistério da sarça ardente Deus manifesta o seu ser, “eu sou aquele que sou”<sup>24</sup>. “O ser de Deus é ser-

---

<sup>20</sup> Gn 1,26-27.

<sup>21</sup> Gn 1,31.

<sup>22</sup> KASPER, 2015, p. 64.

<sup>23</sup> BIANCHI, Enzo. A misericórdia na Bíblia. Tradução: José Carlos Carvalho. **Revista Humanística e Teologia**. Lisboa, 2016. p. 13.

<sup>24</sup> Ex 3,14.

para-o-seu-povo”<sup>25</sup> e assim, supera a imagem de um Deus apático.

A relação vivida entre Deus e o povo é relatada na experiência dos salmos que revela com beleza poética a manifestação da misericórdia de Deus. “O Senhor é misericordioso e compassivo, é paciente e cheio de amor”<sup>26</sup>. Dentre os salmos, talvez o mais conhecido seja o 50 (51) chamado na tradição de *miserere*, onde o salmista se inspira no pecado cometido por Davi com Betsabéia<sup>27</sup> e na repreensão de Natã, para elaborar a oração do rei suplicando a misericórdia divina. Sem adentrar os detalhes do salmo, pode-se dizer que “se encontram três termos que podem ser traduzidos como misericórdia: piedade, ternura e fidelidade”<sup>28</sup>.

Deve-se compreender que “a mensagem da misericórdia divina não é a mensagem de uma graça barata”<sup>29</sup>, não é uma mensagem qualquer e, por isso, não pode lhe apenar, mas permite adentrar esse grandioso mistério que se abre à toda realidade. Em certos momentos num discurso desentendido da misericórdia, alguns a colocam em oposição à conversão, contudo, “[...] a misericórdia é a graça que possibilita a conversão”<sup>30</sup>. Por isso, a história revela a presença da misericórdia do Senhor que pode ser vista como um fio condutor que entrelaça a vida do seu povo.

## **A MISERICÓRDIA ENCARNADA**

Deus demonstra sua misericórdia no Antigo Testamento por meio de sua aliança com o povo, e o faz por meio dos profetas e de sua pregação que se experimenta tanto numa dimensão social e comunitária como interior e individual. No Antigo Testamento, “o Senhor revelou sua misericórdia tanto nas obras como nas palavras”<sup>31</sup>. Ao levar em conta as particularidades do Novo Testamento, pode-se perceber que a misericórdia é apresentada sob a perspectiva de continuidade com o Antigo.

---

<sup>25</sup> KASPER, 2015, p. 67.

<sup>26</sup> Sl 103, 8.

<sup>27</sup> 2Sm 11.

<sup>28</sup> PAGANOTO, 2016, p. 169.

<sup>29</sup> KASPER, 2015, p. 73.

<sup>30</sup> KASPER, 2015, p. 73.

<sup>31</sup> JOÃO PAULO II, 1983, p. 19.

Após toda a peregrinação do povo ao longo da história, na “plenitude do tempo”<sup>32</sup> o Pai revela seu plano de amor e bondade como forma plena de cumprimento da aliança. Ele que é rico em misericórdia, eleva a manifestação do seu amor ao nível mais alto. “A amorosidade gratuita de Deus, manifestada durante toda a história da salvação e desejosa de reconstruir a aliança rompida, foi levada até o extremo, até o ponto que Ele mesmo, como amor misericordioso, se encarnou (cf. Jo 1, 1-18)”<sup>33</sup>.

A revelação e a novidade aguardada é manifestada plenamente e agora se pode falar de uma misericórdia com rosto e com história, agora “o amor misericordioso na história, tem um nome: Jesus Cristo. Ele é o amor encarnado, Ele é o próprio Deus, que é amor misericordioso e que se fez carne (cf. Mt 1,18-25; Lc 1,26-38)”<sup>34</sup>.

Jesus não somente é revelador do Pai por meio da encarnação, modo pelo qual o verbo de Deus se faz carne, mas o é também, porque “em Cristo o *hèsèd* de Deus se torna visível. Ele não somente fala desse amor, mas o é e o vive”<sup>35</sup>. Jesus é o verbo feito carne, é a misericórdia e o amor feito gestos. “Jesus é o rosto da misericórdia do Pai”<sup>36</sup>.

## A MISERICÓRDIA E O NOVO TESTAMENTO

O Novo Testamento, em perfeita consonância com a tradição judaica, continua a apresentar a misericórdia evocando os termos de raiz hebraica que se referem especificamente às ações ou características de Deus, e os revelam na pessoa de Jesus.

Misericórdia é estritamente aparentada a -graça, -bondade, -amor. As raízes hebraicas *hnn* e *rhn* são usadas para exprimir êsses conceitos e correspondem ao grego, *έλεος* e *οικτιρμος*, com suas diferentes formações, *ελεημοσυνη*, compaixão só aparece no Nôvo Testamento com o sentido de benevolência, -esmola<sup>37</sup>.

---

<sup>32</sup> GI 4, 4.

<sup>33</sup> FERREIRA, Antônio Luiz Catelan. **Redescobrir a Misericórdia**: Reflexões interdisciplinares a partir da *miseriçóriæ Vultus*. Brasília: Edições CNBB, 2016. p. 122.

<sup>34</sup> FERREIRA, 2016, p. 122.

<sup>35</sup> FERREIRA, 2016, p. 123.

<sup>36</sup> FRANCISCO, 2015, p. 5.

<sup>37</sup> BAUER, Johannes B. **Dicionário de teologia bíblica**. Tradução: Helmuth Alfredo Simon, 4 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1988. p. 704.



A mudança que ocorre na passagem do hebraico para o grego interfere claramente na terminologia usada e, por vezes, nas traduções posteriores, mas não interfere na ontologia daquele de quem a misericórdia emana. Como já dito, contra todo risco marcionista, o Deus que revela sua *hesed* no Antigo Testamento é, de igual maneira, o “Deus que é rico em misericórdia”<sup>38</sup>, o *έλεος* revelado por Jesus no Novo Testamento.

A teologia bíblica da misericórdia no Novo Testamento segue a linha veterotestamentária de um Deus que permanece fiel à Aliança e perdoa o pecado, porém a novidade é a regeneração da humanidade através da nova Aliança, já proposta pelos profetas, na pessoa de Jesus Cristo<sup>39</sup>.

Na grandeza do Filho encarnado, Jesus revela o Pai a todos e vai muito além, “Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime”<sup>40</sup>. Assim, os homens não só contemplam a misericórdia encarnada, mas devem vivê-la como vocação plenamente humana. A radicalidade da mensagem da misericórdia apresentada em Jesus é a marca da chegada do Reino no meio de todos.

Ainda que a grandiosidade dos feitos de Jesus possa ser encontrada nos vastos relatos bíblicos e extrabíblicos, é justamente nas parábolas que encontramos o sumo daquilo que é precioso acerca da misericórdia. “Contar parábolas foi uma das formas preferidas por Jesus para proclamar o Reino de Deus”<sup>41</sup>, assim em todas elas, Jesus aponta um caminho pelo qual Deus Pai oferece salvação. A frequência com a qual Jesus faz uso das parábolas demonstra o valor que elas possuem. “A palavra ‘parábola’ é usada 50 vezes pelos sinóticos: 14 por Marcos, 17 vezes por Mateus e 19 vezes por Lucas”<sup>42</sup>.

As parábolas do bom samaritano e do filho pródigo podem ser tomadas como referência para mostrar a face misericordiosa do Pai, é com elas que os leitores são cercados de grande beleza e profundidade. “A parábola do Pai misericordioso é talvez

---

<sup>38</sup> Ef 2,4.

<sup>39</sup> PAGANOTO, 2016, p. 181.

<sup>40</sup> GS, 22.

<sup>41</sup> BARREIRO, Álvaro, SJ. **A parábola do pai misericordioso**. 5ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999. p. 19.

<sup>42</sup> BARREIRO, 1999, p. 19.

a única palavra de Deus que os pecadores não conseguiram abafar nos seus corações”<sup>43</sup>.

O evangelista Lucas é levado em conta de forma especial quando se trata das parábolas de Jesus. “Há muito que Lucas é considerado o evangelista da misericórdia pela sua especial atenção aos pecadores, aos enfermos, aos pobres, aos perseguidos”<sup>44</sup>. Assim, é no evangelho de Lucas que se pode encontrar a parábola que traz em si o âmago daquilo que antropomorficamente pode expressar a misericórdia de Deus, sem esgotar sua grandeza.

Diante da beleza e riqueza, não só teológica, mas também literária, das parábolas do capítulo 15 de Lucas, e mais particularmente da parábola do pai misericordioso, também os exegetas se emocionam [...] é a mais conhecida e mais amada de todas as parábolas de Jesus, com toda razão apreciada como um tesouro por sua extraordinária beleza literária, pela penetrante descrição dos personagens, assim como pela sua afirmação da misericórdia divina que ultrapassa todas as expectativas<sup>45</sup>.

Assim, “a parábola do filho pródigo, que seria melhor denominar ‘parábola do pai misericordioso’, reflete com maior acuidade o que acabou de ser dito”<sup>46</sup>. Não é fácil aceitar tranquilamente o gesto do pai narrado pela parábola pois não é compreensível aos critérios de justiça dos homens de ontem e de hoje. Diferentemente da postura dos dois filhos, é possível ver em Jesus a filiação divina por excelência. Ele é o protótipo que ensina aos homens como os filhos devem ser, qual atitude o Pai espera deles.

Jesus nos mostra o que é a verdadeira filiação. Ele é o filho mais jovem sem ser rebelde. Ele é o filho mais velho sem ser ressentido. Em tudo é obediente ao Pai, mas nunca seu escravo. Ele ouve tudo o que o Pai lhe diz, mas isso não torna seu servo. Ele faz tudo o que o Pai lhe manda fazer, mas permanece completamente livre. Ele dá tudo e recebe tudo<sup>47</sup>.

Não há humanidade decaída que escape do amor e da misericórdia de Deus, não existe realidade que não possa ser transformada plenamente a partir do encontro com Jesus Cristo. Não há um filho pródigo, realmente arrependido, que permaneça desamparado pelo Pai de forma que não há pai sem filho, nem mesmo filho sem Pai.

---

<sup>43</sup> BARREIRO, 1999, p. 23.

<sup>44</sup> FERREIRA, 2016, p. 183.

<sup>45</sup> BARREIRO, 1999, p. 24-25.

<sup>46</sup> KASPER, 2015, p. 92.

<sup>47</sup> NOUWEN, 1997, p. 138.

## IGREJA: CASA DA MISERICÓRDIA

A encarnação do verbo não é a revelação de uma misericórdia pronta e acabada como fim de um ciclo, pelo contrário, a manifestação da misericórdia na carne humana aponta para a continuidade. A misericórdia não se encerra na vida de Jesus, Ele como pleno revelador do mistério humano, ao assumir a natureza recapitula em si todas as coisas e aponta o caminho aos homens na nova criação. A humanidade é chamada a viver a misericórdia, ou seja, viver a vida de Jesus. “O amor que se demonstra na misericórdia, pode e deve transformar-se em fundamento de uma nova cultura de vida, da Igreja e da sociedade”<sup>48</sup>.

Hoje, a mensagem da misericórdia que deve perpetuar na história e alcançar a todos é responsabilidade da Igreja, ela é chamada a ser desembargadora da misericórdia. “A Igreja vive uma vida autêntica quando professa e proclama a misericórdia, o mais admirável atributo do Criador [...] das quais ela é depositária e dispensadora”<sup>49</sup>.

Nesse caminho de perfeição e misericórdia a Igreja desenvolve papel essencial, é a partir do Concílio Vaticano II com as Constituições *Lumen Gentium* e *Gaudium et Spes* que ela passa a viver um processo de autoconsciência e diálogo com a sociedade de maneira a viver mais plenamente essa dupla relação. “A palavra latina *misericórdia*, no seu significado original, quer dizer ter o coração (*cors*) com os pobres (*miseri*), sentir afeto pelos pobres [...] não ter o coração centrado em si mesmo [...]”<sup>50</sup>. A Igreja se volta àqueles que foram o centro da atenção de Jesus, os pobres e pecadores, assim possibilita o encontro entre a miséria humana e o coração de Deus que se dilata na Igreja.

Assim, é possível compreender que ninguém escapa da misericórdia de Deus, aqueles que a praticam automaticamente recebem-na, cumpre-se, portanto, a Escritura que diz “bem-aventurados os misericordiosos porque alcançarão misericórdia”<sup>51</sup>. Por isso, a Igreja é cercada da misericórdia de Deus que se manifesta

---

<sup>48</sup> KASPER, 2015, p. 106.

<sup>49</sup> JOÃO PAULO II, 1983, p. 59.

<sup>50</sup> KASPER, 2015, p. 36.

<sup>51</sup> Mt 5,7.

como amor benigno, pois “Deus que ‘é amor’ não se pode revelar de outro modo a não ser como misericórdia”<sup>52</sup>.

Como afirmado no capítulo anterior, em Deus, misericórdia e justiça não se opõem, mas formam uma unidade, dessa maneira deve-se compreender que “a autêntica misericórdia é, por assim dizer, a fonte mais profunda da justiça”<sup>53</sup>. Na prática eclesial, misericórdia e justiça não se opõem, pois a Igreja é chamada a viver na práxis a junção da justiça e misericórdia na vida do povo. Para acalantar os corações quando se fala na relação justiça e misericórdia, o Papa Bento XVI numa visita a uma prisão romana explicou que:

Justiça e misericórdia, justiça e caridade, princípios da doutrina social da Igreja, são duas realidades diferentes só para nós, homens, que distinguimos atentamente um ato justo de um gesto de amor. Para nós, justo é “aquilo que é devido ao outro”, enquanto misericordioso é aquilo que é doado por bondade. E uma coisa parece excluir a outra. Mas para Deus não é assim: n’Ele, justiça e caridade coincidem: não existe uma ação justa, que não seja também um gesto de misericórdia e de perdão e, ao mesmo tempo, não há uma ação misericordiosa que não seja perfeitamente justa<sup>54</sup>.

É de se sublinhar que o tema da misericórdia volta a ser central e explícito principalmente na teologia do século XXI por meio dos pontificados. Para o cardeal Kasper “houve três Papas da segunda metade do século XX e do início do século XXI que nos propuseram o tema da misericórdia”<sup>55</sup>. Em sua obra relata o pontificado de João XXIII que apresentou a misericórdia como mais belo nome de Deus e demonstrou isso com a convocação do Concílio Vaticano II.

A missão da Igreja é viver e anunciar a mensagem da misericórdia mesmo quando se encontra em meio a sofrimentos por isso, o Papa João Paulo II “faz da misericórdia o tema condutor do seu longo pontificado”<sup>56</sup>. Kasper prossegue com o Papa Bento XVI, como continuador do caminho feito pelo seu predecessor. Segundo ele, em sua primeira encíclica (*Deus Caritas Est*) e na *Caritas in Veritate* “não parte já da justiça,

---

<sup>52</sup> JOÃO PAULO II, 1983, p. 60.

<sup>53</sup> JOÃO PAULO II, 1983, p. 64.

<sup>54</sup> BENTO XVI. **Discurso do Papa Bento XVI por ocasião da visita à prisão romana de Rebibbia**. Roma, 2011. Disponível em: < [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/december/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20111218\\_rebibbia.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/december/documents/hf_ben-xvi_spe_20111218_rebibbia.html)> Acesso em: 10 out. 2024.

<sup>55</sup> KASPER, 2015, p. 21.

<sup>56</sup> KASPER, 2015, p. 19.

mas sim do amor como princípio fundamental da doutrina social cristã [...] retomam uma vez mais a grande meta da misericórdia num contexto mais amplo”<sup>57</sup>.

Para o cardeal Kasper, os três Papas citados apresentam o resumo dos aspectos essenciais que apontam a misericórdia de Deus na vida da Igreja. Nesse sentido, o testemunho dos santos faz toda diferença pois são homens e mulheres de todas as épocas e que fizeram a experiência da misericórdia, além de exprimirem a catolicidade da Igreja que em diversos povos e culturas dá rosto e voz à misericórdia. Faz-se compreender que “o Espírito Santo derrama santidade, por toda parte”<sup>58</sup>.

Das muitas riquezas do tesouro da santidade da Igreja pode-se destacar a vida de Santa Faustina Kowalska (1905-1938). A primeira canonização do terceiro milênio foi consagrada ao tema da misericórdia. “A festa da Divina Misericórdia foi instituída oficialmente por São João Paulo II em 30 de abril de 2000, no contexto da canonização de Santa Faustina”<sup>59</sup>.

É Maria, a imagem da Igreja que aponta, a partir daquilo que ela mesma experimentou, a misericórdia como chave da vida cristã e regra universal na práxis da comunidade eclesial. Seja em Fátima ou em qualquer outra aparição, “não se trata só de Maria como personagem individual, mas de Maria como tipo, como protótipo e arquétipo, e também fortalecimento dos cristãos”<sup>60</sup>. Maria aponta o caminho da misericórdia, o caminho de Jesus. Assim, “Maria pode ser tipo e modelo resplandecente de uma nova cultura de misericórdia”<sup>61</sup>.

Dessa maneira se pode dizer claramente que tudo aponta para a misericórdia; as Sagradas Escrituras, a patrística, a vida dos santos, a Virgem Maria, o papado... em tudo isso a mensagem de Deus é uma, “ide, pois, aprender o que significa: eu quero misericórdia e não sacrifícios”<sup>62</sup>.

## FRANCISCO: O PONTIFICADO DA MISERICÓRDIA

---

<sup>57</sup> KASPER, 2015, p. 21.

<sup>58</sup> FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Gaudete et Exultate***. São Paulo: Paulus, 2018. p. 10.

<sup>59</sup> OS SANTOS E A MISERICÓRDIA, 2016, p. 13

<sup>60</sup> KASPER, 2015. p. 257-258.

<sup>61</sup> KASPER, 2015. p. 260.

<sup>62</sup> Mt 19, 13.

Em 19 de março de 2013 era celebrada a missa do início do ministério petrino do recém escolhido pelo conclave, Jorge Mario Bergoglio, que escolheu o nome de Francisco. O Papa Francisco inaugura seu ministério com um rosto eclesial e pastoral bem delineado, claro em suas obras, decisões e gestos. Já na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* em 24 de novembro de 2013, o Papa demonstra ao mundo o rosto da Igreja, seu ser missionário por natureza e sua realidade de ir ao encontro de todos.

Missionária, em saída, pobre para os pobres, acolhedora, aberta à todos, preocupada com os homens e os problemas do tempo presente, aberta ao diálogo, são alguns das necessidades que o pontífice apresenta já em sua primeira Exortação Apostólica.

Assim, para permitir que a Igreja viva mais plenamente o Concílio Vaticano II, o Papa Francisco é um constante aplicador do mesmo. Retoma o Concílio como porta da misericórdia que foi aberta por São João XXIII, insirado pelo Espírito Santo. Dessa maneira, o tema da misericórdia é central no pontificado de Francisco, de maneira que, se pode dizer ser ele o pontífice da misericórdia.

No terceiro ano de seu pontificado, em 11 de abril de 2015 na Basílica de São Pedro no Vaticano, por ocasião das vésperas do domingo da Divina Misericórdia, o Santo Padre o Papa Francisco leu alguns trechos e entregou aos cardeais, a Bula de proclamação do Jubileu da Misericórdia. Diz o Papa:

O Ano Santo abrir-se-á no dia 8 de dezembro de 2015, solenidade da Imaculada Conceição [...] Escolhi a data de 8 de dezembro porque é cheia de significado na história recente da Igreja. De fato, abrirei a Porta Santa no cinquentenário da conclusão do Concílio Ecumênico Vaticano II.<sup>63</sup>

Dessa maneira o Papa escancara as portas da Igreja para que todos tenham a oportunidade de se encontrar com a Misericórdia do Pai, que é Jesus. O Papa convoca todos a fazerem a experiência que gera transformação, numa lógica em que “fui ‘misericordiado’ e, conseqüentemente, feito instrumento da misericórdia”<sup>64</sup>.

Uma Igreja misericordiosa é o desejo de Deus expressado no pontificado de Francisco. No término do jubileu extraordinário da misericórdia, o Papa escreve a Carta Apostólica *Misericordia et Misera*, onde insiste novamente que “a misericórdia não pode se reduzir a um parêntese na vida da Igreja, mas constitui a sua própria

---

<sup>63</sup> FRANCISCO, 2015, p. 6-7.

<sup>64</sup> FRANCISCO. **Carta Apostólica *Misericordia et Misera***. São Paulo: Paulus, 2016. p. 36.

existência [...] tudo se revela na misericórdia; tudo se resume no amor misericordioso do Pai”<sup>65</sup>.

Uma Igreja que se compreende responsável por multiplicar no coração dos batizados o anseio pela prática da misericórdia. “*É o tempo da misericórdia* para todos e cada um, para que ninguém possa pensar que é alheio à proximidade de Deus”<sup>66</sup>. É desejo do Papa Francisco que a Igreja proclame com sua vida que “*é o tempo da misericórdia* para os que se sentem fracos e indefesos”<sup>67</sup>, a comunidade eclesial deve estar com eles nas mais diversas realidades. “*É o tempo da misericórdia* para os pobres”<sup>68</sup>, pois ao lado deles a Igreja compreende a fraqueza humana que é constantemente necessitada da graça de Deus.

“*É o tempo da misericórdia* para que cada pecador não se canse de pedir perdão”<sup>69</sup>, o perdão dado por Deus é celebrado pela comunidade como sinal do amor de Deus pela humanidade. De maneira muito pontual o Papa aponta para a Igreja um caminho: a misericórdia. Para a Igreja e para o mundo “*este é o tempo da misericórdia*”<sup>70</sup>.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A misericórdia divina entendida como fio condutor que permeia toda a economia da salvação é uma certeza da fé cristã que consola os homens de todas as épocas que caminham na penumbra da fé. Nos contextos conflituosos ou não, a presença da misericórdia de Deus pode ser percebida. No Antigo Testamento Deus Se dá a conhecer por meio da revelação do seu nome, e mostra seu ser como ser-para-seu-povo, um Deus que é Todo-Poderoso e justo ao mesmo tempo em que é compassivo e misericordioso, de forma que, permite compreender que entre o Antigo e Novo Testamento não existe oposição.

Na plenitude dos tempos, Deus envia seu Filho bem-amado que é a plena manifestação da misericórdia, ou a própria misericórdia encarnada. Jesus Cristo é a

---

<sup>65</sup> FRANCISCO, 2016. p. 6.

<sup>66</sup> FRANCISCO, 2016, p. 44.

<sup>67</sup> FRANCISCO, 2016, p. 44.

<sup>68</sup> FRANCISCO, 2016, p. 45.

<sup>69</sup> FRANCISCO, 2016, p. 45.

<sup>70</sup> FRANCISCO, 2016, p. 44.

novidade da mensagem no Novo Testamento uma vez que, agora a misericórdia se apresenta com rosto, nome e história. Jesus é o protótipo de toda a humanidade, por isso, deixa claro por meio de parábolas que tipo de filhos o Pai espera que a humanidade seja.

A Igreja é continuadora da misericórdia. Ela que é sacramento universal de salvação é chamada a ser sinal visível da misericórdia em meio ao mundo. Nesse caminho, o testemunho dos santos, os Papas e a vida eclesial são essenciais para o testemunho e vivência da misericórdia. Na Igreja, aqueles que experimentaram a misericórdia são chamados a ampliar seus horizontes e praticá-la. Assim, o Papa Francisco é categórico em recordar que na Igreja todos devem ser agentes da misericórdia.

O presente trabalho certamente não esgota a reflexão sobre presença da misericórdia, contudo, abre perspectiva de reflexões. A prática da misericórdia impacta diretamente a vida da Igreja e do mundo, uma vez que o agir misericordioso ao se tornar difundido na vida de todos criar por assim dizer, uma cultura da misericórdia, capaz de transformar o mundo num novo céu e nova terra.

Por fim, o intuito deste trabalho foi levantar algumas reflexões sobre questões relevantes que tocam diretamente a vida e a práxis eclesial, de forma que, colabore para que a Igreja anuncie firmemente que é tempo de misericórdia.



AGOSTINHO DE HIPONA. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. 6 ed. Petropolis-RJ: Vozes, 2015. (VI, 16).

BARREIRO, Álvaro, SJ. **A parábola do pai misericordioso**. 5ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BAUER, Johannes B. **Dicionário de teologia bíblica**. Tradução: Helmuth Alfredo Simon, 4 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1988.

BENTO XVI. **Discurso do Papa Bento XVI por ocasião da visita à prisão romana de Rebibbia**. Roma, 2011. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/december/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20111218\\_rebibbia.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/december/documents/hf_ben-xvi_spe_20111218_rebibbia.html)> Acesso em: 10 out. 2024.

BERNARDES, Mateus da Silva. **Igreja, sacramento da misericórdia: um diálogo com Jon Sobrino e Walter Kasper**. Belo Horizonte, 2022.

BIANCHI, Enzo. A misericórdia na Bíblia. Tradução: José Carlos Carvalho. **Revista Humanística e Teologia**. Lisboa, 2016.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **Os Papas e a Misericórdia**. trad. Mário José dos Santos. São Paulo: Paulus, 2016.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **Os Santos e a Misericórdia**. trad. Mário José dos Santos. São Paulo: Paulus, 2016.

FERREIRA, Antônio Luiz Catelan. **Redescobrir a Misericórdia: Reflexões interdisciplinares a partir da *misericordiae Vultus***. Brasília: Edições CNBB, 2016.

FRANCISCO, Papa. **A Igreja da Misericórdia: minha visão para a Igreja**. Org. Giuliano Vigini. São Paulo: Paralela, 2014.

FRANCISCO, Papa. **Carta Apostólica *Misericordia et Misera***. São Paulo: Paulus, 2016.

FRANCISCO. ***Misericordiae Vultus***. São Paulo: Loyola, 2015.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Dives in Misericordia*** sobre a misericórdia divina. 4 ed. São Paulo: Paulinas, 1983.

KASPER, Walter. **A Misericórdia: condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã**. Tradução: Beatriz Luiz Gomes. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

NOUWEN, Henri J.M. **A volta do filho pródigo: a história de um retorno para casa**. [trad. Sonia S. R. Orberg]. São Paulo: Paulinas, 1997.

PAULO VI. **Carta Encíclica *Ecclesiam Suam*** sobre os caminhos da Igreja. 4ed. São Paulo: Paulinas, 2004.